

revestida e aconchegante como o lar, da qual eu acabara de sair.

Conto e cura

A criança está doente. A mãe a leva para cama e se senta ao lado. E então começa a lhe contar histórias. Como se deve entender isso? Eu suspeitava da coisa até que N. me falou do poder de cura singular que deveria existir nas mãos de sua mulher. Porém, dessas mãos ele disse o seguinte: — Seus movimentos eram altamente expressivos. Contudo, não se poderia descrever sua expressão... Era como se contassem uma história. — A cura através da narrativa, já a conhecemos das fórmulas mágicas de Merseburg. Não é só que repitam a fórmula de Odin, mas também relatam o contexto no qual ele as utilizou pela primeira vez. Também já se sabe como o relato que o paciente faz ao médico no início do tratamento pode se tornar o começo de um processo curativo. Daí vem a pergunta se a narração não formaria o clima propício e a condição mais favorável de muitas curas, e mesmo se não seriam todas as doenças curáveis se apenas se deixassem flutuar para bem longe — até a foz — na correnteza da narração. Se imaginamos que a dor é uma barragem que se opõe à corrente da narrativa, então vemos claramente que é rompida onde sua inclinação se torna acentuada o bastante para largar tudo o que encontra em seu caminho ao mar do ditoso esquecimento. É o carinho que delineia um leito para essa corrente.

Sonho

Berlim; estava sentado num coche em companhia extremamente ambígua de raparigas. De repente, o céu escureceu. — Sodoma! — disse uma senhora de idade, de chapeuzinho, que subitamente notei no veículo. Foi assim que alcançamos os arredores de uma estação onde as vias divergiam. Em primeiro lugar se realizou uma sessão de tribunal, onde as duas partes se sentavam opostas uma à outra, em duas esquinas, diretamente sobre o calçamento. Referi-me à Lua extremamente grande e descorada, que se distinguia baixa no céu,